

1.º ACTO

Salão principal no palácio de Esparta. Arranjos para uma recepção.

Menelau entra, já ataviado.

MENELAU (*ensaia*) — Eu, Menelau, rei da Lacónia, rei de Esparta, a dotada de tão bravos habitantes que nunca precisou que erigissem muralhas para reforço da defesa, eu, Menelau, da casa dos Atridas, te dou as boas-vindas, ó meu filho. Sim, chamo-te meu filho, porque teu pai, Ulisses, é um irmão para mim. E não seria... (*Suspendendo o discurso*): Mas não vem, essa mulher? (*Chamando*) Etra! A tua rainha, onde está ela?

ETRA — Helena está ainda a arranjar-se.

MENELAU — A arranjar-se! Mas Telémaco já espera... Não é correcto que se faça esperar um viajante que teve, com certeza, uma longa jornada até aqui...

ETRA — Ora, Menelau, sabes como são as mulheres...

MENELAU — As mulheres! Mas Helena não precisa de enfeites. Podia apresentar-se esfarrapada, suja, e ainda assim ofuscaria toda a gente.

ETRA — Ela deve arranjar-se conforme as circunstâncias. Quer se queira, quer não, é a rainha.

MENELAU (*desconfiado*) — Quer se queira, quer não?...

ETRA — É a rainha.

MENELAU (*refazendo-se*) — Pois diz-lhe que se apresse. Não posso receber o hóspede sem ela.

ETRA — É a vossa mania de espartanos.

MENELAU — Que mania?

ETRA — Mostrarem as mulheres. Olha que deu um belo resultado...

MENELAU (*contrariando*) — E deu! E deu um belo resultado!

ETRA — O massacre de Tróia.

MENELAU — A conquista de Tróia. De qualquer modo, ó velha, devias achar bem que as mulheres gozem destas liberdades. Gostavas de passar a vida enclausurada, presa num ginceu sem ar, sem sol?

ETRA — Que diferença me faz? Sou uma escrava.

MENELAU — És uma escrava especial.

ETRA — Sou uma escrava.

MENELAU — Toda a gente te trata com deferência. Que escrava és tu, diz, que te demoras a discutir comigo em vez de ires pentear tua senhora?

ETRA — Ela não quer. Queixou-se. Que eu lhe puxo os cabelos.

MENELAU (*rindo*) — Eh, eh! Ao menos minha filha Hermíone está pronta?

ETRA — Está. Mas não pode entrar à frente da rainha.

MENELAU — Pois. Rainha é rainha. Está muito bem assim. Está tudo bem, aliás. Anima-te, Etra! Não estragues o festim.

ETRA — Mas quem sou eu para estragar o festim do grande Menelau?

MENELAU — Sabes bem... (*Entra Helena, seguida das mulheres; Helena usa uma cabeleira egípcia*) — Ah, a mais deslumbrante das mulheres! Mais do que uma mulher. Filha de Zeus. Avança, avança, instala-te depressa. E tu também, Hermíone, minha filha. Teu marido onde está? Ai, que família tão desorganizada.

HELENA — Sossega. Que maneiras, meu marido. Pareces o pastor a juntar as ovelhas na encosta de um monte. Olha o porte, não esqueças que és um rei.

MENELAU — Filho e neto de rei, que ninguém esqueça.

ETRA — Ah, não, ninguém se esquece. Ninguém se esquecerá. Um banquete em que o pai come os filhos guisados.

MENELAU — Cala-te, velha!

HERMÍONE — Nem me falem nisso. Oh, deuses, com histórias tão tristes na família, feliz será quem nunca tiver filhos.

HELENA — Olha se teu marido ouvisse, Hermíone...

PIRRO (*entrando*) — Ouvisse o quê, rainha? Que disse ela?

HELENA — Nada. A tua mulher falava contra a guerra. As mulheres falam contra a guerra, os homens zangam-se. É sempre assim.

PIRRO — Pois bem, já estou zangado.

HERMÍONE — Estás sempre zangado.

PIRRO — Queres que eu bata nas coxas e me saracoteie e toque pandeireta? Já disse muita vez. Esparta aborrece-me.

HERMÍONE — É a paz que te aborrece. Vocês não sabem que fazer vivendo em paz.

MENELAU — Ah, isso também não. Eu, por exemplo, fui bom na guerra. Ou não? Sou bom na guerra. Mas também gosto muito desta paz. É outro asseio, é outra mesa, é outra cama. Não é vergonha que um rei goste do seu reino, de estar em sua casa, de receber visitas, de falar...

HERMÍONE — E de que assuntos falam vocês, hã?

MENELAU (*com um risinho envergonhado, concordando*) — Pois é certo: da guerra. Não tem dúvida. E como honramos

nós os nossos deuses? É com jogos de guerra, com carros de combate. Uma grande senhora a guerra, sim.

ETRA — Uma cabra.

PIRRO — Essa velha não sabe pôr-se no seu lugar!

MENELAU — Oh, calma, genro, calma. Não vamos receber o nosso visitante tensos, vermelhos, de cabelo em pé. Eu quero, ouvis? Eu quero que a corte de Esparta seja exemplo de... (*Entra Telémaco*). Ah, sê bem-vindo a minha casa, filho. (*Declama*): Eu, Menelau, rei da Lacónia, rei de Esparta, a dotada de tão bravos habitantes que nunca precisou que erigissem muralhas para reforço da defesa, eu, Menelau, da casa dos Atridas, te dou as boas-vindas, ó meu filho. Sim, chamo-te meu filho, porque teu pai, Ulisses, é um irmão para mim. E não seria necessário invocar a qualidade de hóspede, sagrada, é certo, mas igual para todo o homem, seja ele grego ou bárbaro, pois é como parente que quero receber-te.

TELÉMACO — Grande honra a minha, ó Menelau, rei dos Lacónios, soberano de Esparta, a tão temível que dispensa muralhas. Eu te saúdo, eu te saúdo, herói de Tróia.

MENELAU — Vem conhecer minha mulher, Helena.

TELÉMACO — Oh! Louvores sejam dados a Afrodite, que não exista nesta terra aquele costume de se cobrir o rosto das mulheres ou de as manter fechadas nas traseiras, inacessíveis ao olhar de estranhos. Não ver Helena era não ver a luz do sol.

HELENA — Falas de belo modo. Vê-se bem que és o filho de Ulisses, o manhoso. E que nos contas sobre tua mãe? Sabes que foi com a ajuda do rei Tíndaro...